

ENTREVISTA COM KANAVILLIL RAJAGOPALAN: PONDERAÇÕES SOBRE LINGUÍSTICA APLICADA, POLÍTICA LINGUÍSTICA E ENSINO-APRENDIZAGEM

Kleber Aparecido da Silva¹
Leandra Ines Seganfredo Santos²
Olandina Della Justina³

Kanavillil Rajagopalan é um estudioso da área de linguística. Por seu trabalho profícuo na área da linguagem, conquistou grande respeito nacional e internacional. Rajan, como conhecido no meio acadêmico, atualmente é professor titular da UNICAMP e tem o seu interesse como pesquisador especialmente voltado para questões que abrangem política linguística. Seu percurso de formação acadêmica foi trilhado na Universidade de Kerala (1966), com o curso de Bacharelado em Literatura Inglesa e na Universidade de Delhi, onde concluiu dois cursos de mestrado: Literatura Inglesa (1970) e Linguística (1973). Também diplomou-se em Linguística Aplicada pela Universidade de Edinburgo (1975). Pela PUC/SP (1982) obteve o título de Doutor em Linguística Aplicada e pela Universidade da Califórnia (1993) o Pós-Doutorado em Filosofia da Linguagem. Escreveu e organizou vários livros: *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*, *A Geopolítica do Inglês*, *A língua que nos faz falhar*, *Nova Pragmática – Fases e Feições do Saber*, entre outros.

O Professor Rajan nos concedeu gentilmente esta entrevista no dia 05 de outubro quando esteve presente em Sinop para palestrar no IX Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários e II Colóquio Regional de Linguística Aplicada – “Linguagem, Ciência e Ensino: desafios regionais e globais” realizados pelo Curso de Letras da UNEMAT e a ALAB.

¹ Professor da UNB (Universidade de Brasília). Doutor em Linguística Aplicada pela UNESP. Faz parte dos Programas de Mestrado em Linguística (PPGL) e em Linguística Aplicada da UnB; Vice-presidente da ALAB, no biênio 2012-2013. E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br

² Professora da UNEMAT/Sinop. Doutora em Linguística Aplicada pela UNESP. Líder do GEPLIA – Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada; faz parte do corpo de docentes do Programa de Mestrado em Linguística (UNEMAT/Cáceres). E-mail: leandraines@hotmail.com

³ Professora de Língua Inglesa do Departamento de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT. E-mail: olandina2008@hotmail.com

Aqui ele discute sobre linguística aplicada, língua e linguagem e ensino/aprendizagem de línguas. Também transitam suas acepções sobre mestiçagem e realidade linguística no mundo globalizado onde o conhecimento das políticas linguísticas é fator crucial para melhor entender, lidar e ensinar as línguas que fazem parte do nosso contexto.

Silva, Santos e Justina: *O que é fazer linguística aplicada na contemporaneidade?*

Rajan: Linguística aplicada, para mim, nada mais é do que pensar a linguagem no âmbito da vida cotidiana que nós estamos levando. Não fazendo grandes elucubrações. Daí, a diferença entre a linguística dita teórica e a linguística aplicada. É pensar, não como se pensou durante muito tempo: levar a teoria para a vida prática. Mais que isso, é usar a prática como próprio palco de criação de reflexões teóricas, ou seja, neste âmbito teoria e prática não são coisas diferentes. A teoria é relevante para a prática porque é concebida dentro da prática. Então, eu acho que há um consenso crescente, entre mesmo os ditos teóricos, de que é preciso repensar a forma como se conduzia a teoria. Tradicionalmente teoria se fazia de modo Socrático, olhando para o céu, desvinculado da realidade. Isso não tem o menor sentido. Temos que voltar os nossos pensamentos para o mundo que estamos vendo, vivendo. É através da vivência dentro desse mundo que nós temos que pensar, quer dizer que, não há teoria que seja *one side speaks all*, ou seja, uma teoria pronta para qualquer situação. Toda realidade, toda circunstância exige novas complexões teóricas. Isso pra mim é linguística aplicada.

Silva, Santos e Justina: *Partindo dessa ideia de que a linguística aplicada tem como objeto de estudo a linguagem, qual a concepção que o senhor defende de língua e linguagem?*

Rajan: A linguagem é aquilo que a gente vive, é nossa vivência, não se restringe à língua. Linguagem é um conceito muito mais amplo que língua. Língua faz parte, e nem sei se a língua faz parte essencial da linguagem, do âmbito da linguagem. A linguagem é o nosso modo de lidar com as nossas circunstâncias, a nossa sociedade, a nossa

inserção dentro da sociedade. Portanto, tudo dentro do mundo é mediado pela linguagem, então pra mim linguagem é tudo.

Silva, Santos e Justina: *Hoje nós temos no Brasil a ALAB, que é a Associação de Linguística Aplicada do Brasil, que tem como objetivo justamente disseminar as pesquisas feitas no bojo da linguística aplicada brasileira. Como o senhor concebe a ALAB como veículo de disseminação desses conhecimentos acadêmico- científicos?*

Rajan: Bom, basta ver a forma ativa que a ALAB tem produzido no país. A cada ano, o número de sócios e de simpatizantes que são atraídos pela ALAB é uma coisa impressionante. Tanto assim, que o mundo reconheceu isso. A AILA, que é a Associação Internacional de Linguística Aplicada, reconheceu isso e premiou o país com o evento em 2017. Isso é a prova mais contundente de que nós saímos do anonimato, entre aspas, para o mundo. Nós ganhamos a visibilidade perante o mundo, nós temos uma robustez nesse pensamento em nosso país. Isso é motivo de alegria para todos nós.

Silva, Santos e Justina: *Como o professor fez menção agora que a AILA será realizada no Brasil em 2017, como o senhor vê o impacto da realização deste congresso internacional no Rio de Janeiro em 2017? Qual será esse impacto para a sociedade brasileira?*

Rajan: Com certeza, o primeiro resultado mais concreto que se pode imaginar é a divulgação que a linguística aplicada vai ter nesse país. Pensou-se durante muito tempo, e ainda há resquícios desse modo de pensar, pois há pessoas que acham que linguística aplicada é uma forma caudatária do pensamento linguístico-teórico. Com esse evento, eu acho que a linguística aplicada vai ganhar ainda mais visibilidade dentro do país e reconhecimento acadêmico.

Silva, Santos e Justina: *Professor Rajan, a ALAB hoje está preocupada em realizar congressos nacionais e regionais. Como o senhor vê as empreitadas acadêmicas de congressos regionais tais como esse realizado aqui em Sinop?*

Rajan: Bom, com essa mesma linha de pensamento que eu mencionei agora há pouco, eu sou inteiramente a favor. Eu acabei de dizer que o que torna a linguística aplicada interessante é que ela pensa a linguagem dentro do próprio contexto. Você pode falar que o Brasil é uma abstração feita, passando por cima de tantas diferenças regionais que nós temos, não são diferenças, são peculiaridades regionais. Então, estou sendo apenas coerente quando defendo essa ideia de que cada vez mais a gente tem que levar esse conhecimento e produzir conhecimentos adaptados para cada região, cada lugar, cada realidade. Cada um de nós, apesar de vivermos no mesmo país, temos realidades imediatas diferentes. Assim, como nossas circunstâncias são diferentes, nossas situações são diferentes. Então, a gente tem que pensar linguística aplicada também regionalmente sim.

Silva, Santos e Justina: *Nós sabemos que o professor tem desenvolvido várias pesquisas, que são muito interessantes para a área de linguística aplicada tanto em cenário brasileiro quanto no exterior. Quais são seus focos de pesquisa? O que o senhor tem investigado recentemente e qual a importância dessas pesquisas para uma reconstrução de uma nova identidade na área de linguística aplicada?*

Rajan: Bom, nos últimos dez anos, como vocês sabem muito bem, eu tenho trabalhado muito, cada vez mais intensamente na área chamada política linguística. Nesse ano mesmo, eu participei de quatro ou cinco congressos internacionais todos eles voltados para a política linguística. Então, seguramente o que me atrai cada vez mais, é o campo de política linguística. Tanto assim, que hoje em dia eu digo, por exemplo, quanto ao campo de ensino de línguas, que é apenas uma das tantas manifestações de uma política linguística. Historicamente a gente cometeu um grande erro de pensar que o ensino de línguas só dependia do conhecimento da língua. Portanto, a linguística era concebida como uma área teórica que procurava entender o que é, desvendar os mistérios da língua resolveria todo o problema. Na melhor das hipóteses a gente pensava: “linguista sozinho não conseguiria dar conta, então vamos chamar o pedagogo”. Pedagogia também não dava. Ou seja, eram campos distintos trabalhando e a gente tentava fazer um arranjo. Não é isso! Hoje em dia, internacionalmente há pessoas que cada vez mais pensam que a política linguística implica qualquer pensar sobre ensino de línguas no país, quer seja

da língua materna, quer seja da língua estrangeira, tem que ser colocado, antes de mais nada, no contexto da macropolítica que o país tem. Eu participo de uma comunidade virtual que opera internacionalmente e que tem pessoas de todo tipo de lugar: Estados Unidos, Canadá, México, Oriente Médio, Israel, Egito e Ásia também. A gente troca intensamente trabalhos e procura se encontrar nos congressos internacionais. A exemplo de AILA, a minha participação foi com esse grupo neste ano, há dois meses atrás. Agora em novembro eu estarei em Nova Zelândia para participar em outro congresso e encontrarei com o pessoal desse grupo. A gente está, cada vez mais, percebendo que não adianta uma série de atividades relacionadas à língua sem pensar em política linguística. Então, resumindo, a área de maior interesse hoje em dia é a de política linguística.

Silva, Santos e Justina: *Hoje nós estamos inseridos dentro de uma sociedade globalizada onde o ensino de línguas estrangeiras está em alta. Há algumas políticas que estão sendo feitas, tanto pelo estado quanto pelos municípios para inserção da língua estrangeira para crianças. O senhor é a favor ou contra o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras para crianças de escolas públicas brasileiras?*

Rajan: Essa pergunta não pode ser respondida com sim ou não, não é uma pergunta tão fácil. Eu digo, a questão mais importante não é que idade deve começar. Há opiniões de que com crianças muito pequenas não se pode trabalhar com a cabecinha delas. Eu digo que a questão não é essa. A gente tem que pensar o ensino/aprendizagem de línguas no contexto maior, ou seja, é uma sociedade. Ensino de língua não é brincadeira. Nesse contexto que nós estamos vivendo, o contexto de globalização, países estão investindo pesadamente nesta questão. Então, a gente tem que perguntar para que a sociedade brasileira precisa que seus cidadãos tenham acesso às línguas? Isso é uma questão de geopolítica. Se o Brasil precisa de línguas, então a gente tem que pensar nesta questão. Uma vez estabelecida a prioridade, a gente tem que perguntar: qual a maneira melhor, quais os métodos a serem usados? Voltando à sua pergunta em relação a qual idade, não dá para afirmar se é interessante começar o ensino de língua com quatro anos com uma família do campo, de um lugar qualquer que não tem nenhuma perspectiva de entrar em contato com estrangeiro ou que possa ter qualquer utilidade, talvez nem precise disso.

Então, é tolice tentar com uma criança sendo criada no campo, com finalidade nada mais que isso, ensinar língua estrangeira. Língua materna sim, todos nós precisamos saber. Então, há circunstâncias e circunstâncias, há casos em que as crianças aprendem naturalmente. Eu mesmo sou exemplo vivo, eu fui criado falando três, quatro idiomas e nem sequer sabia que eu estava falando quatro idiomas. Para mim era uma só língua. Então, eu volto a enfatizar: não há uma solução muito simples. Agora, eu rechaço completamente a ideia defendida por alguns estudiosos de que tem que ter, no mínimo, uma idade qualquer. Não, não tem. Criança é muito mais esperta do que a gente pensa, criança não é um infante sem fala, deixe a criança sozinha que ela tem condições.

Silva, Santos e Justina: *Professor, a penúltima pergunta se refere à formação de professores. Hoje, no contexto brasileiro, nós temos os Cursos de Letras e as políticas de formação não inserem a educação linguística para crianças, o professor acha que seria interessante uma reformulação nas políticas de formação de professores para trabalhar com esta questão?*

Rajan: Conforme eu disse, isso só vai acontecer, se a gente perceber e agir de acordo com essa percepção nítida entre política linguística e o ensino de línguas. Acho que precisamos atrelar as duas coisas cada vez mais. A gente tem que pensar o ensino de línguas desde a abordagem, a metodologia a ser adotada em função da política linguística adotada no país. Portanto, é o que eu digo, um professor na sala de aula tem a necessidade de atuar politicamente sim. É seu dever enquanto cidadão atuar politicamente e inclusive pensar a respeito de como a língua deve ser, qual o lugar que a língua estrangeira deve ocupar na política geral. Isso é um direito, um dever de cada cidadão, inclusive do professor na sala de aula. Não dá para escapar disso.

Silva, Santos e Justina: *Então, agora a última pergunta, partindo da ideia que o senhor já desenvolveu várias pesquisas dentro da área da linguística aplicada, talvez podendo trazer para nós algumas prospecções de futuras pesquisas na área, o que considera de suma importância, podendo indicar para os leitores da Revista Norte@mentos? Que pesquisas ou que eixos teóricos ou epistemológicos deveriam ser desenvolvidos nas pesquisas?*

Rajan: O grande desafio que nós temos hoje é repensar o próprio conceito de língua. Estou convencido de que muitos de nós, sem saber, estamos repetindo, quando discutimos língua, conceitos de categorias herdadas do século passado. Nem somente do século XX, mas o século XIX ainda marca sua presença. Por exemplo, conforme eu venho falando sobre a resistência quanto às línguas híbridas. Eu até chamo de mestiçagem linguística. Por exemplo, muita gente estranha a expressão portunhol. Portunhol, que é isto? Ou se fala português ou espanhol? Portunhol não é um “bicho” que você está imaginando. O mundo inteiro está presenciando fenômenos parecidos com o *Spanglish*, nos Estados Unidos, que mistura espanhol e inglês. Há o *Franglês* no Canadá, por exemplo. *Hindlinglish* na Índia, misturando o Inglês com o hindi. Isso é natural, assim como é natural na própria raça humana a mestiçagem. Sempre existiu e sempre existirá. O Brasil é a prova mais impressionante dessa experiência com a raça humana. É uma mistura, um caldeirão que a gente criou. Isto inevitavelmente vai acontecer com a língua também. Agora, se as pessoas ainda resistem a essas línguas mistas, é porque nós temos ideias pré-concebidas herdadas do século XIX. O grande desafio para a linguística aplicada, portanto, eu acho, que é começar da estaca zero, talvez mudar, eu quero dizer, pensar, se desvencilhar das nossas ideias herdadas de outros do século passado. Devemos tentar pensar a linguagem e outros modos, outras maneiras mais adequadas para o nosso tempo.